1.º anno — Lisboa, 16 de fevereiro de 1885 — Numero 34

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

A' hora em que escrevo, acorrentado ao cumprimento d'um dever d'officio, Lisboa empôa-se, empulha-se, emporcalha-se, e embriaga-se nas doidas folias do Carnaval patusco. E' quem mais póde tripudiar nos bailes orgiacos da Trindade e dos Recreios, agitando a guizalhada estridente de Polichinello ou velando a cara sob a mascara banal de Pierrot.

Dansa tudo por ahi, n'um redemoinhar vertiginoso e estonteador. Tudo por ahi folga e descanta, perneando satanicamente em valsas infernaes, bisnagando o proximo nos theatros e nas ruas, mostrando-se tal qual é ao resto da humanidade.

Chama-se a esta saturnal, em que tantas tolices e inepcias se commettem, o Entrudo.

Assistimos a ella todos os annos. Apresenta-se sempre com a mesma feição imbecil, sob o mesmo aspecto repugnante e amalgamado.

Os *chéchés*, que ahi enxameam a praça publica, vomitando babozeiras, são os do anno preterito. Não é difficil conhecel-os. Trazem a voz avinhada e os sapatos rotos, como d'antes.

As vivandeiras e as saloias, que viramos ha doze mezes, desfilando alegremente sob as nossas janellas, com um *sol e dó* ruidoso na vanguarda, são ainda as mesmas. Os personagens da enorme bacchanal não mudaram. São os do ultimo entrudo. Só faltam aquelles a quem a morte despiu o domino para lhes vestir a mortalha. Desappareceram apenas os que o cemiterio tragou, n'um curtissimo interregno de seriedade.

Os restantes, de todas as castas, jerarchias e camadas, ahi as vêdes revolutear pelas ruas da Baixa, confundindo-se, acotovelando-se, formando uma Babel aplastrada e incommensuravel, testemunhando a influencia omnimoda do espirito democratico na maneira de ser do nosso tempo.

PORTO DE MOZ

O fidalgo fraterniza com o vilão que passa. O gallego boçal permitte-se bisnagar a aristocracia mascarada que exhibe os seus velludos, passeiando em carruagens opulentas. As damas *d'élite*, que em dias communs, ordinarios, não dispensariam a mais leve attenção a um simples mortal pedestre, dirigem-lhe agora facecias e ditos agudos, vibram-lhe gargalhadas crystalinas e sonoras á queima-roupa.

E' que todas ellas desceram das suas inaccessiveis eminencias ao afivelar o *loup* discreto.

Estamos em dias d'anarchia, de liberdade, de liquidação moral.

Viva o prazer!

O mais curioso é que todo o mundo mostra estar habituado a isto. E de facto, está. O carnaval não acaba nunca; é perpetuo; existe sempre; podemos chamar-lhe a vida a descoberto.

Quando a humanidade põe a mascara e enverga o dominó, não é para se occultar; é para deixar ver francamente as suas verdadeiras propensões.

Sob o incognito, desapparece o individuo e fica o ser natural; revela-se-nos, para assim dizer, um mudo anonymo, mas eloquentissimo, sincero. As sensações procuram expandir-se sem constrangimento, insinuantes e audazes: os olhos fallam com os olhos com muita mais força e vehemencia que a palavra. Atravez os orificios abertos n'um *loup* de seda, sahem effluvios de sensualidade encantadora, em que se revela a alma inteira d'uma mulher, com todos os seus deliciosos mysterios.

As palavras que ella solta são vazias de sentido, contidas por um resto de respeito ás conveniencias; mas os olhos acariciam-se, promettem-se, concedem-se, confundem-se n'um mesmo fluido vivificador, trascendental. E o mysterio augmenta o encanto; a ancia de descobrir a incognita é enorme; a acção soberana da attracção traduz-se n'um sentimento d'amor, que as impaciencias da phantasia estimulam. Pelo bello entrevisto presuppõe-se a belleza ideal do que se não vê; e se este combate é travado n'um baile, ao som da orchestra langorosa, em meio do redemoinho da valsa, quando a desconhecida se reclina nos braços do desconhecido, ambos palpitantes, enamorados, loucos, então... comprehende-se que as filhas d'Eva, que teem no corpo um noventa e nove por cento de dynamite amorosa, morram pelas orgias coreographicas do salão de D. Maria, e arrastem ali os homens, anciosos d'alguma coisa que apenas se encontra nos bailes de mascaras:—a revelação sem medo da alma anonyma d'uma mulher.

Diverte-te, pois, leitora. Dansa; goza; empoa-te; esconde o rosto formosissimo na mascara setinosa; empulha-me, se quizeres, e se quizeres, tambem, enfia o teu braço no meu, para dares commigo duas voltas pelos salões de qualquer baile elegante. Anda d'ahi! O carnaval é a dansa, a loucura, o esquecimento de todas as magoas, uma embriaguez de pouca dura.

Tirassem-nos esta valvula de segurança, e adeus humanidade, e adeus vida.

=A politica, para seguir o movimento carnavalesco, entrou n'um periodo *d'acalmação*, e mascarou-se com as vestes candidas de deusa da *Paz*, para que ninguem podesse conhecel-a n'estes dias de folia infrene. Mas o paiz, que está costumado a lidar de perto com ella, adivinha-a sob aquelles trages, comprehende as rasões que a levaram a adoptar o disfarce, e diz-lhe, vendo-a passar, com uma risadinha significativa:

—*Je te connais, beau masque!*

Eu tambem a conheço—não quizera conhecel-a tanto—mas deixo-a empulhar o proximo, e rio-me d'ella, coitada, comtanto que me não empulhe a mim.

=Os membros do congresso postal divertem-se.

Por felicidade, não se realisaram as minhas previsões do ultimo numero, e suas excellencias abandonarão Lisboa satisfeitissimas do acolhimento que cá tiveram.

Para lhes darmos de tudo, além de banquetes sumptuosos no Paço da Ajuda, com bello Porto de 1840, e de bailes esplendidos nas salas da presidencia do conselho de ministros e da legação franceza, com mulheres olympicas e *cotillons* encantadores, démos-lhes o que elles não tiveram á chegada, e o que nunca viram em pleno inverno, lá pelos seus paizes distantes:—um sol dourado e quente de primavera.

Chama-se a isto saber fazer, como ninguem, as honras da casa.

=E assim devia succeder. *Noblesse oblige.* O nosso Portugal microscopico, que ninguem conhecia lá fóra, está sendo discutido na conferencia de Berlim, nos circulos politicos da França, da Inglaterra e da Belgica. A Europa occupa-se d'elle como de uma grande potencia respeitavel. Bismarck soletra-lhe o nome, vezes sem conto, na roda do dia. A imprensa estrangeira refere-se ao acto d'estranha audacia que praticámos occupando militarmente as duas margens do Zaire. O mundo inteiro está com os olhos fitos n'esta pequenina facha de terreno por onde serpenteia o Tejo crystalino, e que até ha pouco se reputava habitada por selvagens.

Ora fazendo-nos o mundo inteiro estes tagatés, é claro que nos deviamos mostrar dignos d'elles e da reputação serodia conquistada, recebendo nas palminhas os membros do congresso postal.

=Pelo meio da semana—já deves sabel-o—houve uma explosão de gaz, medonha, no palacio dos marquezes de Pombal, na sua Formosa. Portas despedaçadas foram pelos ares; moveis antigos e riquissimos ficaram reduzidos a cavacos; retratos originaes de familia, incluindo o do famoso marquez, desappareceram na hecatombe; *bibelots* de grande valor historico, voaram em estilhaços. Houve dois homens feridos, muita balburdia, muito susto.

Mas o espirito do glorioso reedificador defuncto paira ainda sobre os ambitos d'aquelle principesco solar hoje deteriorado.

O que cahiu levantar-se-ha amanhã.

=Tambem pelo decorrer da semana as gazetas baratas nos annunciaram que uma tal Jesuina da Conceição, com domicilio lá para as bandas da Penha, assassinara o marido, um velho, arrancando-lhe o nariz e as orelhas á dentada.

Ha tal requinte de perversidade n'este monstruoso crime, que não podémos ainda tomal-o a sério, apesar dos *compte-rendu* da imprensa, e das informações policiaes colhidas nos commissariados.

Aquillo é, por força, uma *blague* carnavalesca, em que os senhores *reporters* e os senhores commissarios de policia vão feitos.

. . . .

=E agora me lembro que o Carnaval está em plena effervescencia.

Salta um dominó de seda, e vamos ás dansas!

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

VII

Foi durante a emigração que o nosso grande poeta trabalhou com mais ardor. Ao seu primeiro exilio devemos o *Camões*, a *D. Branca*, o *Bosquejo da historia da litteratura portugueza*, á segunda a *Adozinda* e outros poemetos baseados sobre chacaras populares, a *Lyrica de João Minimo*, o *Portugal na balança da Europa*, o *Tratado da educação*, e ainda outras obras, que ou se perderam no naufragio do navio que as levava, ou ficaram incompletas e ineditas, até que o sr. Francisco Gomes de Amorim nos poude communicar alguns fragmentos. Entre estas obras figuram as *Memorias de João Côradinho*, que deviam formar um romance no genero do *Gil Blas*. O que lemos d'este romance na obra do sr. Gomes de Amorim mostra bem, tanto pelas suas qualidades como pelos seus defeitos, o que valia nas mãos d'aquelle artista poderosissimo a lima de que se servia com tanto engenho. Effectivamente, esses capitulos abandonados são o marmore, ainda não bem desbastado, d'onde tinha de sair depois a estatua. Já se revelam as formas, já se sente n'alguns pontos o cunho da creação genial, mas n'outros ainda o esboço é evidente, e a differença que ha entre estes e aquelles mostra bem o que valia nas obras de Garrett o retoque magistral que elle lhes dava sempre antes de as deixar sair a lume.

A obra em que elle trabalhava então com mais affinco era o *Magriço*, e a proposito d'esse poema não resistimos á tentação de transcrever um trecho da deliciosa carta que o nosso poeta escreveu de Londres a José Gomes Monteiro, que estava em Hamburgo. Para se comprehender, é preciso que se saiba qual era o enredo do poema.

Contava o author que lhe apparecera n'uma noite de inverno, a alma do cura do *D. Quixote* a narrar-lhe que o ter elle queimado a livraria do «engenhoso fidalgo», fôra tão mal visto no ceu, que S. Pedro não lhe permittira a entrada emquanto não houvesse poeta que desaggravasse os manes offendidos de tantos authores illustres. Tomára a si a tarefa o poeta portuguez e emprehendera cantar em longo poema de cavallaria as façanhas de Magriço.

«Eu continuo ainda adoentado, porém muito melhor, escrevia elle a José Gomes Monteiro; mas com os incommodos do *poeta* teem medrado os negocios do *cura*; e observará a primeira vez que lhe apparecer essa alma branca, que ha de vir mais desas-

sombrada e despenada. E comtudo, quanto ao despeno final, não sei quando será nem como, porque o panno da obra tem dado de si, e acho-me, contra a minha expectação, com mais do que para mangas.—O diabo é o Magriço com os seus 12!—Pois sabe o que me fizeram? Estou já no XXII canto (o meu amigo só viu XII d'estes o os outros dez são novos todos) e ainda agora sahiram de Portugal. Mas que ha de ser se o Magriço esteve todo este tempo mettido em Thomar com uns *Pedreiros-livres* ou coisa que o valha, e depois em outras partes com moiras encantadas e outras *necromancias*, e os companheiros pespegados no Porto onde tem feito cousas nunca vistas. Faz lá idéa o diacho dos rapazes o que revolveram a nossa boa terra. Braz Fogaça, honrado juiz do povo dos tripeiros, Justa Rodrigues, sua mulher, uma sobrinha que Deus lhe deu, e uns basofios de uns fidalgos de Braga, que os do Porto tosaram lindamente—um ratão de um prior de Cedofeita que se metteu na bulha—uma amazona do Minho por nome D. Brites de Britiandos—tudo andou em *Polverosa* com elles.—Mas emfim estou já mais descançado, que os embarquei a toda a pressa (como d'antes faziam os nossos velhos com os rapazes estroinas, que lhes punham uma farda ás costas e os embarcavam para a India) para esta nobre ilha (que a leve o démo!) e estão a desembarcar por instantes em Plymouth. Até, se me não engano, já vi nos jornaes que havia signal n'aquelle porto de *portuguese man of war off* de barra de Plymouth.—O sr. Magriço vae por essa Castella dentro, mas ainda não tive noticias d'elle. —Com que, meu bom amigo, por este *exposé*, que póde, se julgar conveniente, communicar ao *cura* na primeira conferencia—verá que me faltam pelo menos uns V cantos para acabar a obra, e tirar do Purgatorio o *director da consciencia quixotina*. Mas, ou muito me enganam esperanças, ou por todo este mez, principios do outro, o homem está no ceu, e santo approvado e confirmado como os que o são. Pouco espero, é verdade, que, em se pilhando canonisado, o maganão do cura lhe importe mais com o caritativo poeta que o despenou, e guarde de criticos e mordedores a obra que o salvou—mas faça a gente uma obra boa, e deixar ingratos por santos que sejam.»

A's vezes, lendo o livro do sr. Gomes de Amorim, ponho-me a scismar se foi melhor ou peior para a gloria de Garrett que o *Magriço* se perdesse. Pelo trecho que já aqui citámos não se fica formando grande juizo do poema. Aquelles versos soltos são dos mais chôchos que Garrett escreveu. São, em verso, coisa parecida com o que são em prosa os primeiros capitulos das *Memorias de João Coradinho*, transcriptos pelo sr. Gomes de Amorim. Faltalhes aquella dedada final que os esculptores dão no barro, e que transforma ás vezes n'uma obra prima a estatua correcta sim, mas ainda sem a expressão definitiva e genial.

Conta Maxime Du Camp, nos seus interessantissimos *Souvenirs litteraires*, que o grande esculptor Pradier tinha a faculdade extraordinaria de saber e poder corrigir as suas estatuas exactamente até a ultima hora, que estava ás vezes esperando á porta a carroça que devia transportar as suas esculpturas para o Salão do Louvre, e ainda Pradier, de maço e escopro em punho, se approximava das suas obras, começava a fazer saltar o marmore com uma violencia capaz de despedaçar a estatua, mas com tanta firmeza e com tanta certeza, que esses raspões herculeos davam á estatua um novo e ainda mais brilhante aspecto. Diziam de Pradier: Corta o marmore em fasquias.

Tambem Garrett ainda até á ultima hora cortava, arranjava, modificava, limava, até reduzir a sua obra áquella perfeição suprema que realmente nos seus livros se admira. As obras de Garrett effectivamente, aquellas que elle definitivamente legou á posteridade, dão ao leitor aquelle goso requintado e sublime da perfeição completa. A gente lê-as, relê-as, saboreia-as, volta-as por todos os lados, admira-as debaixo de todos os aspectos, e fica no espirito com esta sensação de plenitude, que é em tudo o caracteristico supremo do prazer completo. Mas para isso é indispensavel que se leia o Garrett definitivo, e não o Garrett esboçado. Artigos que elle muito ao correr da penna escrevia, já não são a mesma coisa. A's vezes encontrava logo essa perfeição encantadora que se admira em todas as paginas das *Viagens na minha terra*, e na carta a Antonio Augusto, que precede, na *Illustração*, a ballada das *Pegas de Cintra*. Outras vezes, como nos *Figueiredos*, no *Castello de Dudley*, no *Inglez*, o esboço é mais informe.

Assim acontece com as cartas de Garrett. Habitualmente são mal torneadas, com repetições e desleixos. Outras vezes sahiamlhe deliciosas como a que citámos acima. E' que a qualidade suprema de Garrett era a naturalidade, e nem sempre tinha tempo de ser natural, como Pascal ás vezes não tinha tempo de ser breve. E' que, effectivamente, a concisão e a naturalidade em obras de arte não se alcançam sem esforço. O que se alcança sem esforço é a prolixidade e a *pose*. Ao correr da penna o que acode são as phrases feitas, os periodos redondos; mas a naturalidade encantadora e sem defeitos, essa, só a conseguem o genio e a reflexão. Qualquer francez escreve uma carta *bien tournée*, com largos periodos bem fechados. Só Madame de Sévigné é que foi capaz de escrever aquellas pequenas cartas naturaes e simples, que ainda hoje encantam o mundo inteiro.

PINHEIRO CHAGAS.

CANTOS AO VENTO

I

Quando á tarde o sol, dolente
Pelos perfumes do ar,
Se deita, commodamente,
No longo sopha do mar,

Minh'alma languida e triste,
Ao ver a luz do sol-posto,
Pensa no brilho que existe
Na candidez do teu rosto.

E se te vejo, sorrindo,
Tremer a bocca de leve,
E mostrar, ao ir-se abrindo,
Teus dentes alvos de neve,

Penso que vejo uma rosa
Toda fresca e orvalhada,
Abrindo a c'rolla mimosa
Aos beijos da madrugada.

Depois, meu lirio nevado,
Quando olho p'ra o ceu sombrio
E o vejo assim, retratado,
Nas aguas mansas do rio,

Como uma flôr esquecida,
Que em perfumes se desata,
A minh alma enlanguecida
Na tua alma se retrata.

E ao ver-te assim, tão bonita,
Tão casta como uma flôr,
Amo-te mais, acredita,
Fico perdido d'amor.

(Continúa).

Coimbra—1884.

EÇA DE ALMEIDA.

AS NOSSAS GRAVURAS

PORTO DE MOZ

Está situada esta villa na falda occidental da serra de Minde, na provincia da Estremadura, districto de Leiria.

A disposição das casas pela encosta do monte, como se vê da nossa gravura, dá á villa um aspecto encantador.

Ignora-se quem fosse o fundador da fortaleza que coróa aquelle monte: o certo é que essa fortaleza foi tomada por el-rei D. Affonso Henriques, pelos annos de 1148, e que ella deu origem á villa, cujos primeiros habitantes foram ali abrigar-se.

D. Fuas Roupinho foi o governador e alcaide-mór, nomeado pelo fundador da monarchia, para aquelle castello, que serviu ao valoroso guerreiro de ponto de partida para a guerra que moveu contra os mouros das visinhanças. D'esta lucta resultou a ruina de Porto de Moz. No anno de 1200 estava completamente destruida. Foi D. Sancho I que então a mandou reedificar e de novo povoar.

O primeiro foral de Porto de Moz é de D. Diniz, e o segundo de D. Manuel.

Tem esta villa tres egrejas parochiaes: S. Pedro, S. João Baptista e Nossa Senhora de Murtinhos. Guardam-se n'esta ultima varias reliquias de Santos, trazidas de Merida, por um ermita chamado Romano, que, segundo a tradição, acompanhov na fuga D. Rodrigo, ultimo rei dos godos. Tem duas ermidas, de Santo Antonio e Santa Luzia: Misericordia e Hospital.

A terra e suburbios são abundantes de aguas, fructas, e caça.

O que ha ali de mais notavel é o castello, pela sua antiguidade, e, nas proximidades da villa, o edificio do extincto convento do Bom Jesus, que foi fundado em 1676, e a capella de S. Jorge da Charneca, erecta pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

A população é laboriosa, pacifica e morigerada.

COLHENDO PLANTAS MEDICINAES

Leva n'aquella faina o dia inteiro, a boa velhinha, para ganhar uns miseros cobres que lhe dão os hervanarios, os pharmaceuticos e os droguistas.

E' fatigante o trabalho, sobre fatigante, demanda uma certa sciencia. Não é ahi qualquer leigo que sabe distinguir a herva moleirinha da fumaria ou das borragens. E' necessario saber da poda e ter, como ella tem, vinte annos ou mais de experiencia n'aquelles misteres, para atinar com o paradeiro da avenca e da raiz d'althéa. No fim de contas é uma desgraçada. Collabora efficazmente na cura de muitos males que nos affligem, e não consegue ás vezes curar a fome que a apoquenta.

COLHENDO PLANTAS MEDICINAES

Á BEIRA DO RIO

A TENTAÇAO

A TENTAÇÃO

Estranho pensamento e estravagantissimo quadro!

A mocidade ardente e impetuosa tentando reaccender fogos de ha muito apagados na velhice cachetica e doentia.

A primavera cheia de luz fazendo contraste com o inverno tenebroso e merencorio.

Nós queremos crer que tudo aquillo seja para disfructar o velhote. E' impossivel suppor outra coisa. Não ha espirito sufficientemente maldoso que seja capaz d'imaginar seducções, onde só existe o intuito de rir um pedaço.

A juventude tem d'aquelles caprichos, d'aquellas fanthasias, mas não é por mal; e... *honni soit qui mal y pense!*

A' BEIRA DO RIO

Bate a roupa na pedra, ao compasso d'umas cantigas melancholicas e plangentes.

Muitas vezes, quizera bater assim o proprio coração nas rijezas do marmore tosco, para que elle lhe não pulasse tanto lá dentro do peito.

Contos largos, que eu não estou resolvido a narrar agora.

Mas n'aquelle bonito perfil ha assim como que uma sombra ligeira de tristeza; e as raparigas do sitio segredam que a gentil Carlotinha—é este o seu nome—quando vae lavar ao rio, mistura muitas vezes as lagrimas com a agua fugidia da corrente.

SURPREHENDIDAS

A tarde estava amena e o jardim solitario. As duas amigas foram-se até lá, dar largas aos seus instinctos musicaes e poeticos. Um passatempo innocentissimo.

A mais nova recitava poemettos impregnados d'amor, com todo o enthusiasmo da sua alma apaixonada e vibrante. A mais velha fazia harpejos langorosos na viola, em guiza d'acompanhamento.

No melhor da festa, o visinho importuno do quintalejo contiguo, que era doido por aquellas pequeninas frescatas de musica e de recitação, veiu surprehendel-as ex-abrupto, com um bravo atroador.

A nossa gravura representa os tres personagens na situação descripta.

OS MORANGOS

Voltaram com a primavera os lindos morangos rubros: apparecem primeiro timidamente em pequenas caixinhas, deitados sobre as folhas verdes: mas hoje já vêm, apertados uns contra os outros, nas cestas de vime: se o sol lhes dá mais um empurrão, chegarão até nós, rimadores mais ricos de alexandrinos que de moedas de ouro, até aquelles que preferem sorrisos de mulher ás notas do Banco de França.

....

Eu ia fazer dezoito annos, e, como tinha crescido de repente, mandaram-me para o campo, para casa de minha tia Miquelina, um pouco mais velha do que eu.

Era linda a minha tia Miquelina, e eu dava bem por isso; mas, sendo ella mulher do irmão de minha mãe, não me atrevia a encaral-a, e seria mais facil deixar que me picassem como um pastel, do que fazer-me confessar o prazer que eu sentia em mirar-lhe os pequeninos dentes alvos, as covinhas do rosto, quando sorria, e principalmente os labios, os seus labios appetitosos, rubros, saborosos como os morangos que orlavam a larga avenida.

Quando eu digo que os labios de minha tia Miquelina eram rubros como os morangos do seu jardim, sirvo-me de uma metaphora, porque os morangos então mal despontavam da terra, esbranquiçados e friorentos; nós iamos dia por dia acompanhar-lhes o progresso, mas ainda não tinha havido meio de colher um só! e no entanto, Deus sabe se eu desejava offerecer um á minha tia Miquelina.

O inverno ia a fugir, a primavera vinha a atirar-se-me nos braços: o vento fazia passar o seu halito apaixonado; sahiam beijos das arvores cobertas da ferrugem que precede a verdura; e os caracoes, que tambem tomavam o seu quinhão n'esse renascer da natureza, deixavam longos rastilhos de prata nas alamedas amollecidas pelas chuvas e pelas geadas.

Uma bella manhã, estava eu de pé desde o alvorecer; o sol era quente como no mez de junho; na poeira luminosa, os insectos dourados zumbiam em infatigavel voltijar; nos ramos estalavam os rebentos; o ar impregnava-se do perfume da terra chegada á ultima phase da sua gestação de maravilhas; o céo, de um azul desmaiado, deixava ver, por entre as arvores, filões acinzentados, que mal se destacavam.

O coração batia-me com força, como se me fôra dado assistir de subito a um espectaculo extraordinario, e eu enlevava-me em uma contemplação deliciosa.

De repente, senti que se me dilatavam os olhos, e suffoquei um grito de alegria; é que tinha visto, entre os canteiros, um lindo morango inteiramente maduro; brilhava como um rubim, na folhagem.

—Que felicidade, disse eu, a tia Miquelina vae ficar bem contente.

N'esse momento, ouvi não longe de mim uma voz a cantar uma antiga canção de amor; a voz era vibrante e jovial; caminhei para ella.

Ahi sussurrava uma fonte natural; um salgueiro mergulhava na agua os ramos enlanguecidos; o sol deitava mil ondas de prata sobre a agua limpida, e minha tia Miquelina cantava, com os pés descalços mettidos na corrente.

As meias e os sapatinhos estavam sobre a relva humida; ella vestia um *peignoir* verde claro, e as prégas do estofo transparente desenhavam tudo o que ella quizera esconder; acompanhava o movimento d'agua, que parecia querer carregar-lhe os pésinhos alvos, como as flores que decoram as frontes das nymphas de Helicon.

—Minha tia, exclamei eu, minha tiasinha, um morango maduro!

—Dá-o cá! respondeu ella a rir-se.

E como eu hesitava:

—Péga-lhe com os dentes, desageitada, e levanta a bainha das calças.

Eu acceitei o conselho, e metti-me no regato: cheguei perto d'ella, e, estendendo os labios, dava-lhe o morango.

Ella sempre a rir, fitava-me com os seus olhos de côr de avelã: eu via-lhe os longos cilios, as pequenas mechas castanhas em desordem na fronte, a face transparente, e principalmente os labios rubros, em que brilhavam os dentinhos brancos, como uma faca de madreperola mettida em um fructo

Estendendo tambem os labios, ella tirou delicadamente dos meus o morango, com o geito airoso de uma cabra a deflorar rebentos, e os nossos labios encontraram-se e ficaram unidos...

Ouvimos então gritos e chamadas, ali por perto: era o marido de Miquelina: o irmão de minha mãe chamava sua mulher.

Como a volta do caminho nos escondia, ella disse-me rapidamente, e baixinho:

—Cala a bocca, não convém que nos encontrem.

Eu atirei-me atraz da minha tia, que calçava as meias á pressa: mas, como se apressava de mais, rasgou-se uma d'ellas, deixando passar, victoriosa do obstaculo, a perna digna da Danae do Ticiano: então, impaciente, meio calçada, sempre acompanhada por mim, que não sabia onde tinha a cabeça, fugiu para uma casinha onde se costumava guardar a ferramenta do jardineiro.

Empurrou a porta e entrou, voltando-se para mim: eu via-lhe as faces afogueadas e os olhos em que reluzia uma chamma extraordinaria: era assim tão linda, e inspirava taes desejos, que eu parei á porta, estendendo-lhe os braços.

—Fecha a porta, disse ella, aqui ninguem nos encontrara.

Mas, de repente, passou-se-me uma cousa estranha pela cabeça e pelo coração: ouvi como que uma voz rude, que de longe dizia o meu nome: um sentimento de horror percorreu todo o meu ser, e, como um bom rapaz que eu era, fugi sem olhar para traz, e fui fechar-me no meu quarto, onde chorei, uma a uma, todas as minhas lagrimas.

....

E ahi está porque, hoje que sou velho, os primeiros morangos fazem-me bater o coração: ahi está porque gosto de os ver quando elles apparecem nas caixinhas, deitados sobre a folhagem verde, e mais tarde apertados nas cestas de vimes. Compro-os quando elles abundam, quando os ha até para mim, rimador mais rico de alexandrinos que de moedas de ouro, e que prefere o sorriso de uma mulher ás notas do Banco de França.

JEANNE THILDA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

BEIÇUDO DA BOBADELLA.—Nos registros charadisticos d'este semanario nada consta a seu respeito.

OLYMPIO RACHEL.—Os seus decassylabos não primam por demasiada correcção. Ficam para segunda leitura.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

A primeira do peixe quem a ganhará?—1—2.

Barquinha. UM ASSIGNANTE.

A constellação d'esta côr é feroz—2—2.

A mulher d'este homem é hereje—2—3.

A filha de meu tio é uma senhora da opera—2—2.

Não é boa esta senhora franceza—1—2.

A base d'esta porção d'agua encontra-se no mar alto—1—2.

Aspira-se por este tubo secreto—1—2.

E' um pretexto para apertar a folha—1—2.

Este lenho e este rol é de S. Paulo—1—2.

No lagar é esperto e avarento—1—2.

Bellas. ANTONIO VITO.

EM QUADRO

(Por syllabas)

— — — Este grande continente
— — — Atormenta no inverno
— — — E vê-se no carnaval.

— — — Sem leite não existia
— — — Apesar de obstinada
— — — Em possuir esta côr.

MANACIO.

EM TRIANGULO

. . . . Taça
. . . . Verbo
. . . . . . Cereal
. . . . . Eixo
. . . . Epoca
. . . Contracção
. . Artigo

ENIGMA

Qual é o rio composto de quatro vogaes eguaes, quatro consoantes eguaes e outras duas consoantes deseguaes?

Armamar. A. B. S.

PROBLEMA

Anna toma para si um numero de tentos multiplo de 13; Rita o mesmo multiplo de 7, e Rosa um egual multiplo de 4. Em seguida, a primeira dobra o numero de tentos das outras duas: a segunda e a terceira fazem successivamente a mesma operação, finda a qual se acham todas com o mesmo numero de tentos. Perguntando-se qual é este numero, dizer quantos tentos ellas tomaram?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

Das CHARADAS:—Rebello—Capão—Armador—Ca val lo / val la do / lo do so

DAS ADIVINHAS POPULARES:—A, B, C—Pé.
DAS PERGUNTAS ELECTRICAS:—Elle—Rir—Esse.
DOS LOGOGRIPHOS:—Pastor—Prata.
DO PROBLEMA:—O numero é 12345679.

A RIR

O filho mais novo de Calino está dando lição de grammatica, no collegio.
—Qual é o feminino de Deus?
—E' Nossa Senhora.

*

Um viuvo inconsolavel, á beira da cova de sua chorada mulher:
—Adeus, Monica! Eu acharei, de certo, muitas mulheres que te succedam, mas não encontrarei nenhuma que te substitua.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

TRATAMENTO DAS QUEIMADURAS

Qualquer que seja o grao extensão das queimaduras, podem tratar-se, com excellentes re ultados, pelo seguinte processo.
Introduz-se o membro que soffreu a queimadura em agua gelada e conserva-se ali até ter desappar ecido a dôr.
Como a agua aquece rapida nente, deve renovar-se o gelo com frequencia, a fim de manter-s mpre a mesma temperatura.
Quando o membro lesado pode já mover-se na agua, sem experimentar dôr, secca-se, e ap lica-se, sobre a queimadura, uma capa d'algodão em rama imbel ida em uma mistura d'acetato de chumbo e de oleo de ricino, e volvendo-se depois tudo com um panno.
O processo pode ser empreg com antagem nas erisipelas.

A CONSOLADORA

(CATULLE MENDÉS)

A cabeça pendida nas mãos e peito convulsionado pelos soluços, elle estava assentado á c. eceira do leito da agonisante. Ella, com os olhos semi cerrado: apresentava a rigida pallidez dos cadaveres. Alta, branca, fria, deitada de costas com os cabellos soltos, a moribunda assimilh va-se a uma estatua, estendida sobre o sarcophago de uma rainh ı.

—Oh! não te afflijas, meu quer lo, balbuciou a agonisante com a voz quasi extincta. Para que sof res tanto? perdes-me, mas tambem eu te deixo, e não choro. E' ue eu sou uma pobre mulher ignorante; sou christã. Sei que v u adormecer, para dentro em pouco acordar; e quando surgi eterno dia, encontrar-te-hei a meu lado, como nas outras ma..a s; mesmo antes de Deus, hei de ver-te primeiro a ti. Desejo qu partilhes esta ineffavel crença Enxuga as tuas lagrimas, sorri Da-me um beijo; restituir-t'o-hei amanhã.

Elle não respondeu; os soluç suffocavam-o. A agonisante proseguiu, atravez do estertor:

—Só uma unica cousa poderia erturbar a minha alma e cortar de horriveis pezadelos o meu eve somno do tumulo: seria o remorso de não te haver torna tão feliz na terra, como tu merecias sel-o. O menor desgosto - que eu fosse a origem, causaria o meu eterno desespero. Fa pois, oh! meu querido, falla ainda uma vez, tu cuja voz eu não tornarei a ouvir na terra. E' verdade que abençoaste a existe ; desde a hora das minhas primeiras confissões, e que eu nu . feliz soffrer?

Elle ergueu a fronte e murmur por entre lagrimas:

—Tu foste o encanto, a consol o amor! Tu trouxeste á minha vida o paraizo em que acr ditas. Não ha sorriso que eu não te deva, e estas são as primei lagrimas que por ti choro. As outras mulheres, mesmo as ma perfeitas, tem indifferenças, crueldades, caprichos; frequenten desviam os olhos e o pensamento d'aquelles que escolheran os mais amados sentem muitas vezes o vacuo em torno de si Eu senti sempre na atmosphera que respirava a suavidade tuas caricias! e não me recordo de ter desejado, desde que minha mulher, um dia immediato differente d'aquelle que o edeu.

*

Ao ouvil-o, porém, uma soml melancolia ob..ecia o rosto da moribunda. Ella bem sa que aquellas pa..s não exprimiam toda a verdade. Ne u jubilo penetrara o ..ho de uma tortura, de um cruel upplicio, que dilacerara o coração do apaixonado esposo. Antes de pertencer-lhe, ella amara, quando era ainda uma creança, outro homem; e o segundo marido, ferido no meio de todos os encantos pela certeza de ter occupado no coração de sua mulher um logar que outro occupara, de não ter sido o primeiro a beijar esses adorados labios, nunca se resignara á sua amarga felicidade.

Não raro, odiara essa ventura que não fora só d'elle.

Entre todos os ciumes, o ciume do passado é o mais terrivel, porque é fertil em estereis angustias: podeis matar aquelle que rouba vossa esposa; podeis feril-a; ha na satisfação do odio a compensação do desespero. Mas contra aquelle que vos antecedeu, a quem ella deu o direito da posse,—desapparecido, morto; —contra aquella que se deu outr'ora, não faltando por isso a nenhum dos seus deveres,—que fazer?

Depara-se-vos o irremediavel; porque de que serviria estrangular um transeunte cujo nome, pronunciado de repente, vos fez estremecer, ou violar uma sepultura para mutilar um cadaver?

Nem mesmo Deus poderia destruir o que já está feito.

Nas palavras, nos beijos de amor, vibra sempre o ecco outros beijos, dados, correspondidos, offerecidos, a quem a

guem, a um rival mysterioso, sempre presente, ainda que impalpavel.

Uma idéa fixa acompanha-nos sempre e em todos os instantes; pensa-se que ella amou antes de nos amar, que experimentou por outro os mesmos desejos, as mesmas ternuras, que estremeceu de jubilo ao som de uns passos, que não eram os nossos, que palpitou de louca paixão, a que fomos estranhos: terrivel, espantosa e incomparavel dôr!...

E era essa dôr que a moribunda sabia que seu marido soffrera mais do que qualquer outro.

Durante a sua vida, poderia distrail-o,—cural-o, era impossivel—, confortal-o á força de sincero amor e constante dedicação. Mas quando ella deixasse de existir, quando lhe não fosse permittido suavisar-lhe as maguas com as suas caricias, provar-lhe pelo adoravel excesso da sua paixão, que nunca ella amara tanto, então os rancores do passado acordariam mais violentos do que nunca e nenhuma voz os faria recuar. Sempre que elle evocasse a lembrança da querida morta, levantar-se-hia o espectro—do outro. O seu ciume, sem nenhum lenitivo, possuil-o-hia completamente, furiosamente! E tudo o abandonaria, na sua dolorosa viuvez, excepto a visão do passado!

Em quanto ella assim pensava e elle chorava,—alguem entrou. Era o padre, chamado á pressa.

Piedosa, a moribunda persignou-se com mão tremula.

—Deixa-me por um instante, meu amigo, murmurou ella. Quero ficar só com Deus.

Elle levantou-se.

—Só te peço que não te afastes para muito longe. Preciso saber que estás perto de mim. Vae para aquelle quarto e não feches a porta. Se eu me sentir peior, chamar-te-hei, para que tu recebas o meu ultimo suspiro.

Elle retirou-se, cubrindo a cara com as mãos.

*

—Meu padre, disse ella com voz extincta e imperceptivel, se á hora das supremas confissões uma miseravel peccadora, ainda perturbada por um interesse humano, mentisse ao Deus de caridade e de justiça, esse Deus seria implacavel para ella, não é assim!

—Decerto, minha filha, volveu o sacerdote.

A agonisante estremeceu sob os lençoes brancos que a cobriam como uma mortalha.

—A sua execravel mentira não poderia obter nenhuma misericordia?

—Nenhuma, minha filha, confirmou o padre.

—A doente empallideceu tanto, que o padre abreviou a confissão, temendo que a morte viesse interrompel-a. Ella principiou accusando-se das leves faltas da sua piedosa e immaculada existencia. O padre sorria, deleitando-se com a pureza d'essa alma que ia voar para o seio de Deus. De subito, porém, e depois de olhar para a porta entre aberta, a moribunda, fazendo um supremo esforço, assentou-se na cama, e disse, elevando a voz:

—Devo confessar-lhe, meu padre, um peccado antigo, que não confessei, nem mesmo no tribunal da penitencia. Nunca amei o meu primeiro marido. Era uma creança quando me casaram: consenti em ser sua mulher, perturbada pela esperança do hymeneu, que attrae todas as meninas. Mas nunca, nunca amei esse homem,—juro-o, pelo Deus que me ouve!—No dia immediato ao nosso casamento, fugi aterrada das suas caricias, da sua presença, das suas palavras, de tudo que n'elle me repugnava e afastava. Supplicas, ameaças, tudo foi inutil. Afigurava-se-me que se elle me tornasse a tocar, eu morreria instantaneamente de desgosto e de horror: e durante os tres annos que durou a nossa união, vivi sempre só e pura como uma virgem. E' este o peccado de que me accuso, meu padre. Mas, ai de mim! não me arrependo. Sim, mesmo n'esta hora em que vou comparecer na presença de Deus, experimento um jubilo ineffavel, ao lembrar-me que me reservei para o verdadeiro esposo da minha alma, para aquelle que na eternidade. .

Não concluiu a phrase. Sacudida por uma convulsão caiu pesadamente no travesseiro, batendo com os pés nas costas do leito. Foi sobre uma morta que o padre depoz a absolvição.

Ouviu-se um grito, o marido empurrou a porta e veio rojar-se aos pés do leito.

Livido, desvairado, louco de dôr o infeliz contemplava o cadaver da esposa, mas nos seus olhos cheios de lagrimas transluzia a serenidade do extasis, e era assim que elle olhava para a querida morta, adormecida na beatitude de um indefinivel sorriso.

Esmeralda.

SURPREHENDIDAS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa